

Fora da (arte é dentro da) lei

permanente contato com os compositores de vanguarda, como Pierre Boulez, Stokhausen e o nosso grande Villa-Lobos, além do já citado Stravinsky. Coreografou Mozart, Bach, Mahler, Vivaldi, Chopin, Beethoven, Ravel e músicas tradicionais de vários países e culturas.

Amava os bailarinos e criava para a personalidade artística de cada um dos talentos com quem trabalhava, elevando-os quase sempre à condição de estrelas internacionais da dança, como Jorge Donn e a brasileira Laura Proença. Coreografava também para nomes já consagrados, como Nureyev, Márcia Haydée, Maia Plissetskaya, Silvie Guillem, Marie Claude Pietragala e Barishnikov. *“Dança não se aprende nos livros: é um ensino calcado no ensino. São corpos que confiam segredos a outros corpos. Não segredos difusos, mas uma ciência, a dos músculos.”*

Béjart deixou-nos um portfólio majestoso de cerca de 200 importantes realizações coreográficas abordando temáticas as mais diversas, sempre nobres e revolucionárias, muitas das quais tornaram-se referências mundiais na arte da dança. Trabalhou até o seu último sorriso, em plena produção do grande balé A Volta ao Mundo em 80 Minutos, criado como uma síntese cultural da dança e retrospecto de sua própria obra, encenado pela Béjart Ballet Lausanne. Com a sua morte, Gil Romain assume a direção da Companhia que estréia agora, em dezembro, esta última e derradeira criação do grande mestre da Dança. Oxalá venham ao Brasil.

Tive o privilégio de ver, ao vivo, vários espetáculos de Béjart, que muito me emocionaram, de ficar arrepiada. Desde a década de 70 acompanho sua obra, quando tinha de ir ao Rio para ver seus espetáculos e, em 97, vi em Belo Horizonte, a performance de Gil Romain em Adagietto, de Mahler (já a conhecia com Jorge Donn, e Romain é tão deslumbrante como Donn). Sagração e Bolero, com o Ballet de Tóquio, no Palácio das Artes, em 98, deixaram-me marcas indeléveis. O público levantou-se em aplausos emocionados, verdadeiros, de coração aberto. Em 2003, vi Madre Tereza e as Crianças do Mundo, com a brasileira Márcia Haydée, uma presença forte e expressiva no alto de seus 66 anos – maravilhosa! – contracenando com o jovem carioca William Pedro, sobre o qual disse Béjart: *“A performance de William Pedro é um verdadeiro triunfo. Esse jovem brasileiro negro, de olhos brilhantes, com um sorriso desarmante, é tão irresistível no Papageno de Mozart quanto em Cherubino, em dueto com a encantadora Luciana Croatto.”*

* Bailarina e coreógrafa



Jorge Donn dança Béjart



Media luz. Mehr Licht! Sala do apartamento de Ronaldo Brandão. Na vitrola ao fundo, Simon & Garfunkel cantam Mrs. Robinson (Jesus loves you more than you will know/uôu, uôu, uôu). Há na arquitetura tradicional-mineira do cenário algo que imperiosamente lembra a Assíria, ou Arrabal, mas nunca se saberá o que é, esse novo mundo.

Ronaldo Brandão - *Passa um rico senador com quatro núbios escravos...*

Guga Barros - A lei-de-incentivo piorou as coisas. Empresário agora só faz com lei. Uma sacanagem.

Hélio Zolini - Descontam imposto e não tem investimento nenhum.

Guga Barros - É a forma de troca-troca que eles inventaram. Quem tem que captar é o artista e os captadores levam uma bolada.

Soraya de Borba - Governo tem que dar saúde e educação. Agora, a cultura...

Guga Barros - A cultura nasce de baixo. O Tutti conta que quando ele produzia show nos anos 70, a Gal, a Elis, não era lei que pagava, não, era a bilheteria. Hoje quando a estrela entra, o show pode estar lotado ou não, que o cachê tá ali garantido.

Soraya de Borba - A lei funciona é pra isso. E pra esses.

Guga Barros - Aí a gente fez o projeto. Aprovado, fomos captar. E a captadora ainda queria que eu fizesse um powerpoint [s. m. “ponto-de-força”. N. do T.]! Pô, eu proponho pra mulher um trabalho e ela quer que eu trabalhe mais ainda para ela aceitar o lance!

Soraya de Borba - Pra ganhar como mestre-de-cerimônias.

Hélio Zolini - Ganha indo lá, clicando e dizendo: “Vou te mostrar esse projeto...”.

Ronaldo Brandão - *Carregando, como se pena fosse, a liteira do senador...*

Guga Barros - Pra fazer um powerpoint então eu vou fazer um filme, porque o negócio é cheio de frescura, entendeu? Efeito de transição e o escambau. Aí comecei a pirar: como é que a gente faz isso? Como é que os empresários querem ver isso? Faço uma peça? Uma obra de arte? Um anúncio?

Soraya de Borba - A gente fez lei-federal, e em Belo Horizonte não existe captadora de lei-federal.

Guga Barros - Captam pra lei-estadual, que é mais fácil. As empresas que investem em lei-federal são imensas.

As de São Paulo. Os grandes bancos. A Petrobras.

Todos: Ah, a Petrobras...

Helio Zolini - A lei-de-incentivo é uma coisa tão perversa que pra quem não é midiático, que ela tá virando uma lei-de-inclusão-social.

Soraya de Borba e Guga Barros - “Inclusão”, Helinho? **Hélio Zolini** - “Inclusão” porque você não é aprovado nunca, você não pertence a um segmento televisivo, não é mídia-visível. Se você faz um trabalho de cultura, você faz um trabalho profundo, não capta nunca.

Ronaldo Brandão - *E no meio da estrada, a caminho do senado, um homem belo, maltrapilho, sujo, rasgado, lhe pede uma moeda...*



Soraya de Borba e Guga Barros - “Inclusão”, Helinho?

Hélio Zolini (continuando) -

“Inclusão” porque o verdadeiro artista, que faz o trabalho dele de forma pequena mas grandiosa, fica com o pires na mão, vira um artista bissexto, que faz o que faz de quatro em quatro anos.

“Inclusão” porque a coisa é interna, volta pra dentro, você vira um mendigo, passa a ser um elemento de inclusão social dentro da sua área, e não é agraciado nunca. O seu currículo não vale, a sua história não vale, a sua biografia não vale.

Guga Barros - Incluído no fundo do poço.

Soraya de Borba - E não pode dar continuidade. O último espetáculo que a gente fez foi Fragmentos, pela lei-municipal-incentivo-a-cultura.

Guga Barros - Aprova o projeto...

Hélio Zolini - ... mas não capta.

Guga Barros - Não bate o orçamento. Porque tem que fazer o projeto, montar a peça...

Hélio Zolini - Tem que divulgar o projeto.

Guga Barros - Fazer tudo!

Hélio Zolini - Falar sobre ele, em bons ouvidos. Pra ficar bem visto entre os críticos.

Todos - Ah, os críticos...

Soraya de Borba - E o pior é o esforço e o tempo e o desgaste. A idéia de Fragmentos surgiu na década de 90, e em 2003 a gente conseguiu aprovar na lei-municipal-de-incentivo-a-cultura, e só realizou em 2004. Tanto esforço pra quem faz o projeto, e sempre tiram um tanto,



tem essa coisa de tirar, né? Então você tem que se readequar, mais ainda, à...
Hélio Zolini - ... à "inclusão".
Soraya de Borba - E a criação é excluída, é subtraída. É traída. É relegada...
Guga Barros - ... no mínimo dois anos, quando não são três, quatro. Você por conta de algo que podia fluir, e não flui.

Ronaldo Brandão - Ao que o senador replica: "Ó jovem, belo como és tu, forte, por que não trabalhas?"

Soraya de Borba - Estréia e não consegue dar continuidade. Entra em mil festivais, em não-sei-quê (e tem que aprovar também, esse não-sei-quê), e como você gasta! Tem que mandar o projeto pra não-sei-onde, fax, não-sei-quê-de-novo-em-duas-vias. Gasta uma grana, investe, e o pires continua na mão.

Hélio Zolini - Tem retorno pra alguém. Você veicula essa empresa que você captou em todos os seus papéis, programas, panfletos e cartazes, nas ondas radiofônicas e televisivas. E é dinheiro público: nenhuma empresa põe a mão no bolso e te dá.

Soraya de Borba - É o Bom Governo que dá.

Hélio Zolini - E quando o montante é grande, a coisa é ainda mais grave. Com esse dinheiro público (que podia estar sendo investido na saúde, na educação e na própria cultura), você é agraciado, faz uma temporada de 3 semanas e não tem política de continuidade. No no cinema brasileiro, nas grandes montagens brasileiras de teatro com nomes famosos, põe-se lá 2 milhões de reais, faz-se 30 apresentações e acabou. A coisa é furada em todos os sentidos.

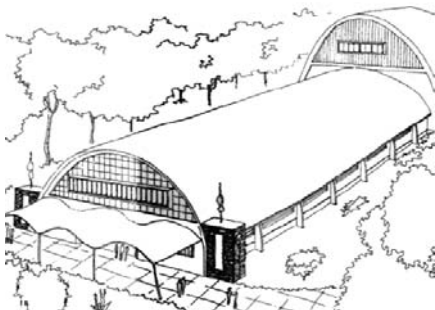
Soraya de Borba - Fragmentos estréia em 2004, em 2005 a gente não consegue apresentar, em 2006 consegue, com muito esforço, na Fumec e no Café Novo Mundo, no Francisco Nunes.

Hélio Zolini - Fizemos "nas pernas", bancando tudo. Eu tô devendo até hoje.

Guga Barros - Mas o Café Novo Mundo foi uma semana maravilhosa.

Todos - Ah o Café Novo Mundo...

Ronaldo Brandão - Resposta: "Senador, pedi-lhe uma moeda, não um conselho". (aplausos)



CRÍTICA MUSICAL, PRA LÁ DE PARCIAL

O rock progressivo de um músico evolutivo



BETO VIANNA

O paulista Dida Mendes, desafortunadamente corinthiano, já esteve pelas terras mineiras - a Caratinga de Ziraldo - pesquisando o maior macaco das Américas, o muiqui. Dida estudou a "comunicação" (isto é, a linguagem) dos muiquis: os chamados seqüenciais que utilizam em suas interações sociais. Mais recentemente, o cientista xeretou, em Goiás, o uso de instrumentos por outro famoso primata brasileiro, o macaco-prego, que atende pelo sugestivo nome científico *Cebus libidinosus*. Como isso aqui não é resenha científica, mas crítica musical, vamos ao que interessa. Afortunadamente beatlemaníaco, Dida exhibe gostos musicais mais dilatados, e acaba de lançar seu novo CD, *Seeker of truth* (pra quem não é versado no idioma bretão, "chercheur de vérité", ou "Wahrheitssucher").

Trata-se de rock progressivo, um gênero musical que talvez (nunca se sabe) tenha chegado a Dida por conta de sua própria experiência de psicólogo evolucionista: os penetrantes *staccati* dos muiquis (que lembram Jon Anderson), o habilidoso instrumental dos macacos-pregos (Steve Howe? Rick Wakeman?) e, finalmente, a concepção do disco, que remete à teoria de Darwin através de um desenrolar histórico de fundo marcado pela pro-

gressão musical, desde a gênese até o retumbante yes final (isso quando não há um renascimento depois). Tudo sem o menor rush.

Dida começou a compor em 78, e em 2001 forma a Banda Primata, que fazia cover do The Doors, Floyd, Jethro et al. As músicas de *Seeker of truth* foram compostas para essa banda, que, no entanto, separou-se em 2005. Como bom progressivo, trata-se de um CD conceitual: a busca pelo conhecimento, levantando discussões sobre o papel do senso comum, da arte, da ciência, da filosofia e da religião na construção social do humano. Musicalmente, o disco não estaciona em Londres e incorpora, inclusive, influências populares e folclóricas brasileiras. Os arranjos melódicos vocais e instrumentais fogem daquele excesso de experimentação e virtuosismo, tão criticado em certo trabalhos de rock progressivo (não por mim, devo dizer).

O resultado musical é uma bem-cuidada alquimia, lembrando que Dida, além de bom músico, é meu chapa. O crítico recomenda então que o leitor não se fie em sua palavra e teste a hipótese, ouvindo Dida Mendes nos vocais, violão e viola caipira, Fernando Santos no violão, guitarra, baixo, bateria e percussão, Juliana Alves no backing vocal, teclado e sampler, e Andreia Vitfer (uma fera!) nos vocais e backings. I like what I know.

Contatos: francisco@ueg.br e contato@pandarus.com.br.

ASSINE!

TROQUE ESTA PÁGINA DO BANCO CENTRAL



POR (NO MÍNIMO) 288 DO COMETA

Com uma nota de R\$50 você garante um ano inteiro recebendo O Cometa na sua casa.

São no mínimo 288 páginas de idéias, cultura, humor e política, e agora com uma novidade apetitosa: os cadernos de Letras, Filosofia&Ciências, Artes e Arquitetura&Urbanismo.

